

Analistas temem BB como 'braço' da Fazenda

DA REPORTAGEM LOCAL

Com a compra de metade do Banco Votorantim, o Banco do Brasil abriu oficialmente a possibilidade de aquisições de instituições privadas pelo setor público, como aconteceu em outros países em meio à crise global. Além de capitalizar o Grupo Votorantim, um dos mais importantes do país, a aquisição permite ao governo atuar junto ao financiamento de veículos, sensível à crise.

No caso do Votorantim, que teve problemas de liquidez e dificuldades de captação no final de 2008, os analistas se perguntam se houve ou não um socorro e qual foi o ônus para o BB.

Para o professor Armando Castelar Pinheiro, especialista em bancos da UFRJ, o risco de o BB se tornar um "braço" da política econômica sempre existiu, mas a compra teve uma justificativa econômica. Castelar lembra que o BB pretendia ganhar mercado no financiamento de veículos. "Essa operação não caracteriza esse tipo de preocupação. A esse preço, foi bastante razoável do ponto de vista do Banco do Brasil. Foi bem mais baixo do que pagou

pela Nossa Caixa, que teve um prêmio pelo controle e pela entrada no mercado paulista".

Luis Miguel Santacreu, analista da Austing Ratings, afirma que nos últimos meses o BB se tornou uma espécie de instrumento de política econômica do Ministério da Fazenda, apesar de ressaltar que o negócio era uma "oportunidade ímpar". Com o Votorantim, o BB alcança a quarta posição no mercado de veículos. "O BB tem esse viés de ser um braço de política econômica. Tem de ver se ele tem dinheiro para atender todas essas demandas oficiais: linha de crédito para comércio exterior, montadoras, consignado. Não dá para atender todo mundo."

Por outro lado, afirma Santacreu, o negócio permite um "apoio ao mercado de veículos usados, que está parado, e que é um fator de retroalimentação para a venda de veículos novos". "Só que o dono é a Fazenda, que tem uma relação com o BC e com os bancos públicos. Exerce a função de regulador e regulado. Tem de ter uma governança muito bem feita."

Para João Augusto Salles, da consultoria Lopes Filho, há o temor que do Banco do Brasil acabe se envolvendo em negócios pouco interessantes, por conta da pressão do governo. "O Votorantim estava sendo muito questionado pelos investidores institucionais diante da crise de liquidez e do impacto das perdas com derivativos [pelo grupo]. Agora o sócio é o governo, não tem mais risco, melhora a capacidade de captação do banco e do grupo", disse.

(TONI SCARRETTA)